REVISTA
ADUPÉ

www.itaquerendofolia.org

Nº 4
ANO 2
FEVEREIRO
2026

SÃO PAULO

QUEM É VOCÊ?

na fila da folia

Você já fez sua boa ação hoje?

NÃO JOGUE SEU CUPOM FISCAL NO LIXO!

Cadastre-se como DOADOR AUTOMÁTICO de Cupons Fiscais para o Ponto de Cultura ITAQUERENDO FOLIA

📢📌 **DOAÇÃO AUTOMÁTICA**
1) Cadastre-se: https://portal.fazenda.sp.gov.br/servicos/nfp
2) Faça login e acesse o menu "Entidades" > "Doação de cupons com CPF (automática)"
3) Escolha o **BLOCO ITAQUERENDO FOLIA – CNPJ: 25.016.730/0001-01**
4) SE você tiver saldo faça a transferência desse saldo para sua conta, no menu "Conta Corrente" > "Consulta" > "Sacar".
🥰 Depois dessa primeira transferência o ITAQUERENDO passará a receber os créditos futuros
🙏 Passe a INFORMAR SEU CPF em TODAS as compras. CONTRIBUA com nossas ações
🏆 💰 **LEMBRE-SE:** Você contribui e concorre a PRÊMIOS pela Nota Fiscal Paulista!
!? 😱 Dúvidas: 11 99856-1738 - WhatsApp
📢📌🙏 COMPARTILHE! SEJA UM COLABORADOR DE NOSSAS AÇÕES.
📢NOSSAS REDES SOCIAIS @itaquerendofolia

DOE SEU CUMPOM FISCAL SEM CPF

Você pode tirar uma foto de seu cupom fiscal e nos enviar pelo WhatsApp
11 – 9 9856-1738
ou junte durante o mês e nos ligue que vamos retirar.

REVISTA
ADUPÉ

EXPEDIENTE

Editor-chefe
Jornalista Josivaldo A. Sousa
MTE/SP 0069747

Revisão de Projeto Gráfico
Coletivo CDLI

Colaboradores
Jornalista Mauricio Coutinho, Isabel Balla, Arthur Souto, Celia e Celma, Shirley Damy, Tamara Taxman, Maria de Lourdes Alba

Projeto da Capa
J. Ivo Brasi - Foto de capa: Carnaval na Avenida Rio Branco - Coleção Instituto Moreira Sales – Public Domain

Assessoria de Imprensa
Coletivo CDLI

Redação
itaquerendofolia@gmail.com

VAI UMA RAPIDINHA?

Por: J. Ivo Brasil

"Carnaval é a alegria popular!"

Dom Helder Câmara, durante sua crônica radiofônica chamada "um olhar sobre a cidade" da Rádio Olinda AM em 1 de fevereiro de 1975, fez uma célebre orientação para que o povo católico brincasse o carnaval. Dizia ele: "**Carnaval é a alegria popular. Direi mesmo, uma das raras alegrias que ainda sobram para a minha gente querida. Peca-se muito no carnaval? Não sei o que pesa mais diante de Deus: se excessos, aqui e ali, cometidos por foliões, ou farisaísmo e falta de amor por parte de quem se julga melhor e mais santo por não brincar o carnaval. Brinque, meu povo querido! Minha gente queridíssima. É verdade que na quarta-feira a luta recomeça, mas ao menos se pôs um pouco de sonho na realidade dura da vida!**"

https://gilvander.org.br/site/

ÍNDICE

4 - Janeiro branco
9 - Um olhar sobre a origem de São Paulo.
15 - LITERATURA - O País que dança para não gritar.
18 - FLISPE
21 - Chute a gol - poema
22 - CRIANÇANDO, com Tamara Taxman
24 - Causos com CÊS - Celia e Celma
26 - Chegou o Carnaval
29- Matéria de capa

Siga nossas redes sociais - **@itaquerendofolia**

Isabel Cristina Balla
Psicanalista CTN/SP N° 03947

JANEIRO BRANCO
O CUIDADO COM A SAÚDE MENTAL
E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

O Janeiro Branco, criado em 2014 pelo psicólogo mineiro Leonardo Abrahão, é uma campanha nacional que convida à reflexão e ao cuidado com a saúde mental e emocional. Utiliza-se do mês de janeiro — período simbólico de renovação e estabelecimento de novas metas — e da cor branca, representando uma “folha em branco”, como convite à reescrita da própria história.

A campanha tem como objetivo incentivar o diálogo, romper tabus e promover o bem-estar psicológico, contribuindo para a prevenção de transtornos como ansiedade e depressão, além de estimular a busca por qualidade de vida.

O objetivo deste artigo não é apenas ressaltar a relevância da saúde mental, mas também abordar um tema de extrema delicadeza: a violência contra as mulheres e a dependência emocional frequentemente presente nesse contexto. Busca-se, ainda, refletir sobre os motivos que sustentam a persistência de tamanha violência nas relações afetivas.

Não se pretende aqui engessar as questões levantadas, tampouco apresentar fórmulas prontas ou soluções simplistas. Trata-se, antes, de propor avaliações, hipóteses e estratégias que permitam a construção de um caminho reflexivo, à luz do desenvolvimento humano, reconhecendo a necessidade de desconstruções profundas e do cuidado contínuo com a saúde mental. Trata-se, portanto, de uma questão essencialmente psicossocial.

Sob a perspectiva da psicanálise, a violência masculina contra a mulher é compreendida como um fenômeno complexo, atravessado por dinâmicas inconscientes, traumas infantis, fragilidades narcísicas e pela influência de uma cultura patriarcal historicamente constituída. Não há uma causa única, mas uma confluência de fatores subjetivos e sociais

Nesse sentido, é importante destacar os conceitos de agressividade e pulsão de morte (Thanatos — personificação da morte na mitologia grega). Para Freud, trata-se de um impulso inato à destruição, entendido como a antítese da civilização humana.

Quando essa pulsão não é sublimada — isto é, redirecionada por meio de mecanismos de defesa — ou simbolizada, pode se manifestar como violência dirigida ao outro ou a si mesmo, rompendo laços sociais e afetivos.

Observa-se, ainda, o fenômeno da repetição do trauma, associado ao determinismo psíquico. Aquilo que não é elaborado tende a se repetir, mantendo o sujeito aprisionado em padrões destrutivos. Retorna-se, assim, à articulação entre pulsão de morte e violência, marcada pela busca inconsciente da aniquilação do outro ou de si.

Não se pode desconsiderar, nesse contexto, a construção social do feminino em uma sociedade patriarcal, na qual a mulher é historicamente inferiorizada. Muitas mulheres vivenciaram, desde a infância, experiências de violência no ambiente familiar, incluindo abusos e negligências. Como se afirma na clínica, “o que se vive na infância não permanece na infância”. Essas experiências deixam marcas profundas, que acompanham essas meninas em sua constituição psíquica, repercutindo na vida adulta.

Essas vivências podem favorecer o desenvolvimento da dependência emocional, caracterizada pelo sacrifício da própria identidade em prol do outro, muitas vezes sustentada pela fantasia inconsciente de “consertar” o pai, o parceiro ou a própria família. Nesses contextos, relações com sujeitos de funcionamento narcísico — inclusive em quadros compatíveis com o Transtorno de Personalidade Narcisista — podem ser interpretadas, de forma distorcida, como cuidado ou proteção.

O sujeito narcísico, inicialmente, oferece prazer, sedução e enaltecimento, estabelecendo vínculos de confiança. Gradativamente, contudo, instala-se a submissão, pois ele passa a deter o controle dos medos e fragilidades da parceira, levando-a a acreditar que está desamparada por todos os outros. Inicia-se, assim, o isolamento, a desqualificação de vínculos externos e, por fim, a retirada progressiva da subjetividade da mulher.

Com o tempo, a situação tende a se agravar: filhos chegam, o contato com familiares diminui, a violência psicológica se intensifica e passa a ser acompanhada por violência patrimonial, ameaças e, não raramente, agressões físicas. Os caminhos parecem se fechar. Para que essa mulher consiga romper esse enlace, é fundamental que conheça seus direitos e as políticas públicas disponíveis. Contudo, embora essas sejam ferramentas essenciais, a força necessária para a ruptura também se constrói no processo de redescoberta de si, de reconstrução subjetiva e de fortalecimento psíquico.

Nesse momento, a saúde mental encontra-se profundamente abalada. Trata-se de um sujeito que carrega dores antigas, muitas vezes recalcadas como forma de preservação psíquica. Quando confrontada por gatilhos que reativam essas memórias inconscientes, a dor se intensifica, emergindo sentimentos de abandono, incapacidade e desamparo. Palavras repetidas, gestos e silêncios podem reencenar antigas feridas.

Esse sujeito encontra-se, então, perdido: teme o julgamento social, a perda dos filhos, a solidão e a privação material. Surge a dúvida dolorosa: “então ele tinha razão?”. A mente humana é complexa; sentimentos, afetos e a própria constituição psíquica são atravessados pelas experiências vividas desde o ventre materno.

A psicanálise, assim como a psicologia, reafirma a importância do cuidado com a saúde mental nesse percurso de busca, de reencontro consigo mesmo e de autocuidado. Isso não significa, de forma alguma, retirar a responsabilidade dos agressores. Tampouco se ignora a responsabilidade da sociedade e das leis que regem essas questões. Trata-se de compreender que o cuidado com as mulheres deve ser integral e contínuo.

É dever da sociedade civil rever suas construções. Mais do que criar um mundo melhor para as crianças que o herdarão, é preciso formar seres humanos melhores para este mundo. A revisão das leis e das práticas sociais faz parte desse compromisso.

Como já se anunciava no Templo de Delfos, atribuído a Sócrates: *"Conhece-te a ti mesmo."*

Buscar ajuda é fundamental. Faça terapia.

Dados alarmantes reforçam a urgência do tema: em 2023, 1.463 mulheres foram assassinadas no Brasil pelo simples fato de serem mulheres, configurando feminicídio.

#coletivoacolhidas

Construir homens e mulheres donas de si.

O feminismo não é disputa, mas a construção do respeito por aquelas que geram vidas.

Um Olhar Sobre a Origem de São Paulo

Shirley Damy
Historiadora, especialista em Planejamento e Marketing em Turismo, Guia de Turismo credenciada pelo MTur, CEO da Damy Turismo & Cultura Ltda e Giro in Sampa , presidente do COMTUR – Conselho Municipal de Turismo de Osasco.

A cidade de São Paulo completa 472 anos num momento extremamente favorável com os números que representa no setor de turismo. Conquistou prêmios e ocupa lugares importantes no rankimg de várias categorias.

São Paulo é superlativa: a cidade que concentra o maior número de pessoas que fala a lingua portuguesa no mundo,também representa a maior comunidade japonesa fora do Japão, a segunda comunidade italiana fora da Itália, e um número de nordestinos maior do que qualquer cidade do nordeste!

A cidade que abriga inúmeras etnias, culturas, costumes, gastronomia, forma um mosaico cultural expressivo que evm sendo desvendado ao longo dos últimos anos. A cidade pujante, inovadora, cheia de oportunidades e muitas dificuldades diárias a maioria conhece. Mas, nem sempre foi assim... Você sabia que São Paulo foi um lugar pobre por quase trezentos anos?

Sim, pobre mas sempre oferecendo oportunidades para aqueles que por ela transitavam. Uma cidade que tem no seu DNA o negócio, os tratados, os acordos, o conhecimento, a adaptabilidade e a tecnologia para vencer os desafios, crescer e gerar riquezas.

O Pateo do Collegio representa o início de tudo isso. Jesuítas se instalaram neste local cedido pelo Cacique Tibiriçá, líder mais importante do Planalto do Piratininga, ou Planalto do Peixe Seco, no século XVI. Numa colina cercada por águas , que apresentava inúmerias dificuldades, nasceu o núcleo do que seria a maior megalópole do hemisfério sul do planeta!

Foto: Arquivo pessoal

Para contar essa história convidamos você para um encontro inusitado. A narrativa será feita por um “Elemento Vivo”, que irá se apresentar abaixo:

Olá, sou o Ipê Amarelo!

O meu nome vem da língua nativa e significa casca grossa. Casca grossa é feio? Ah ... mas tenho muitas outras belezas! Eu mudo de aparência obedecendo as estações do ano. Na primavera e verão eu forneço sombra com as folhas verdes; no final de outono fico sem nenhuma folha, recebendo o sol, o vento, a chuva e fico bem feinho! Você pode até pensar que vou morrer...

Mas não, eu estou recebendo o fortalecimento, enchendo-me de energia, para que no final do inverno, as minhas flores amarelas douradas possam explodir e brilhar esplendorosamente! Nossa! Falei bonito, não é? Sim; mas elas ficam tão lindas, que sempre chamaram atenção dos poetas, dos escritores e até de políticos. Em 1961, o Presidente Jânio Quadros, nomeou as minhas flores como Flor Símbolo Nacional!

Tenho certeza, que se por acaso você me ver florido também ficará muito alegre e se sentirá muito positivo! Mas pensando em você, que às vezes está caminhando aí embaixo, pensativo, cabisbaixo e pode não me enxergar, eu derrubo as minhas flores e forro o chão formando um lindo tapete dourado! Quem sabe você poderá também receber as energias, mesmo com as flores do tapete!

A minha madeira também já foi muito utilizada nas construções.Ainda existem algumas igrejas construídas por volta do XVII, que tem no seu telhado as madeiras do Ipê

E assim vou cumprindo a missão conforme a natureza!

Gostaria muito de dizer que: você que está achando, que as suas lições estão difíceis ou que são chatas, não desanimem. São os fortalecimentos para você brilhar no futuro!

Engatei na minha apresentação (gosto muito de conversar...), mas tenho uma missão. Vou apresentar a você o Pateo do Collegio – local de nascimento da cidade de São Paulo.

Estamos no Pateo do Collegio!

Local onde nasceu a cidade de São Paulo. Aqui é a Certidão de Nascimento da nossa cidade!

Você sabia que ela nasceu como um colégio?

Um colégio que foi construído pelos jesuítas, com a colaboração dos indígenas, liderados pelo Cacique Tibiriçá. Os padres da Ordem da Companhia de Jesus, tinham a missão de ensinar os índios que habitavam este lugar a cultura portuguesa, tanto a língua como os costumes, principalmente os religiosos.

Uma pequena cabana de pau a pique foi construída para ser celebrada a primeira missa, pelo Pe. Manoel de Paiva auxiliado pelo então noviço José de Anchieta, no dia 25 de janeiro de 1554; dia em que a Igreja comemora a conversão de São Paulo ao catolicismo; oficializando, assim, a fundação do Collegio de São Paulo de Piratininga.

Em 1556 o Pe. Afonso Brás finalizou a construção do novo colégio e da Igreja de Bom Jesus, feitos em taipa de Pilão. Taipa de pilão é uma técnica construtiva, que consiste em socar em um pilão a terra umedecida, com fibras vegetais, areia, estrume de animal, óleo de baleia e algumas vezes sangue de animais, até transformá-la em massa uniforme. Depois são preenchidas em caixas de madeira e retiradas após a massa estar completamente seca.

Temos um exemplar dessa parede aqui no Pateo, protegido por um vidro. Prova da construção desse período que estou narrando...

Os jesuítas por defenderem os indígenas se desentendem com os bandeirantes. Essa relação tensa provocou a expulsão dos jesuítas de São Paulo por duas vezes.

Em 1759 os Jesuítas foram expulsos do Brasil por ordem do Marques de Pombal, ministro da coroa portuguesa, que por razões políticas confiscou todos os seus bens.

Em 1765 o Collegio torna-se Palácio dos Governadores e a construção dos jesuítas foi completamente modificada.

Em 1843 os jesuítas conseguem retornar para o Brasil, mas ficam longe do Pateo.

Com a plantação do café no interior do Estado de São Paulo, inicia-se a urbanização em volta do Pateo do Collegio dos Jesuítas e São Paulo cresce em menos de 100 anos, muito mais do que cresceu em 300 anos.

Às vésperas das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, o sítio histórico da Fundação de São Paulo foi devolvido para os jesuítas.

Em 1965 foi iniciada a construção de uma nova igreja e do museu, de forma que recordasse a construção do; sendo inaugurada em 1979.

Pe. Jose de Anchieta foi beatificado pelo Papa João Paulo II em 1980 e a Igreja passou a ser chamada de Igreja Beato José de Anchieta.

Em 2014, o Beato Anchieta foi canonizado pelo Papa Francisco e se tornou São José de Anchieta.

Agora vamos conhecer e entender os elementos que surgiram no entorno do Pateo do Collegio durante esta longa jornada.

Foto: Arquivo pessoal

Resumindo:

O café transformou nossa cidade (temos até alguns exemplares dele aqui bem pertinho de mim). A riqueza provocou muitas mudanças até que às vésperas das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, o sítio histórico da Fundação de São Paulo foi devolvido para os jesuítas. Muito bom, não? Por isso estamos aqui conversando com você. Um lugar histórico e sagrado para os católicos, porque por aqui circularam dois santos: São José de Anchieta, canonizado em abril de 2014, e o frade franciscano Antônio de Sant'Anna Galvão, canonizado em maio de 2007.

São Paulo é uma cidade magnífica, que precisa ser entendida. Possui uma história muito interessante ligada ao empreendedorismo, aos negócios e ao protagonismo feminino que vem sendo estudado e divulgado. Convidamos você a acompanhar nossas páginas no instagram **@giroinsampa e @shirley.damy** e escolherem um tema e aceitarem nosso convite: “Seja turista na sua cidade”

Até breve!

Foto: Arquivo pessoal

LITERATURA

ARTHUR SOUTO

graduado em Pedagogia, Letras, Artes e Educação Física. Especialista em Alfabetização e Letramento, Neuropsicopedagogia, Matemática e Educação Inclusiva. Autor das obras Pé de Menina, A FADA do PIX (Vencedor do Prêmio Ecos da Literatura 2024, como melhor livro original), O Tumbeiro (melhor romance de 2024 pelo Prêmio Book Brasil) e Minha Vida em Versos e Flores.

O PAÍS QUE DANÇA PARA NÃO GRITAR

Samba da vida real

No toque do surdo a vida insiste,
No pandeiro o povo respira,
Quem não tem luxo faz do riso
Um jeito de driblar a lida.

Fantasia é armadura,
Brilho é reza sem altar,
Quem não tem vez faz do samba
O seu jeito de falar.

Ainda está cedo, 5h33min, Dona Elza lava o rosto na pia da cozinha. A purpurina insiste no canto dos olhos.
A fantasia está dobrada sobre a cadeira. O botijão de gás está vazio. A segunda-feira, braba, começou.
Antes de ser espetáculo, o Carnaval foi abrigo. Ele não nasceu brasileiro. Veio da Europa como marca de calendário religioso, mas se tornou brasileiro quando deixou de ser rito e passou a ser refúgio. Foi nos quintais escondidos, nos terreiros vigiados, nas vielas onde a polícia chegava antes da pergunta, que o povo misturou batuque africano, fé popular e riso como forma de resistência.

Onde o Estado oferecia abandono, o povo ofereceu ritmo.
Onde havia silêncio imposto, nasceu canto.
Não era festa. Era sobrevivência coletiva em forma de música.
O povo não tinha feriado. Criou rito.
Não tinha palco. Criou rua.
Não tinha descanso. Criou batida.
O que hoje se anuncia como espetáculo é, na verdade, um dos mais sofisticados mecanismos de sobrevivência social já construídos no Brasil.
O Carnaval não nasce da euforia, e sim da necessidade. Não surge da abundância, pois emerge da falta. Não é fruto da despreocupação, porque é resposta ao excesso de peso que se carrega em uma país tão desigual..
Nas ruas, o corpo fala o que a política silencia.
O canto ocupa o espaço que a escuta oficial abandonou.
A dança devolve humanidade a quem foi empurrado para a margem.
Dona Elza costura para fora. Passou noites pregando lantejoulas para fantasias que ela mesma não podia comprar. Desfilou com a bateria como quem respira fundo antes de mergulhar. Riu alto. Brilhou.
Durante quatro dias, o invisível vira centro.
O trabalhador vira rei.
A mulher que sustenta a casa vira rainha.
O jovem que herda promessas quebradas veste capa e se reconhece herói.
No entanto o tempo é curto. A Quarta-Feira de Cinzas não apaga apenas o brilho, ela devolve o peso. Reinstala o relógio, reabre as contas, reativa as ausências. O país retoma seu ritmo desigual, e o povo, sua rotina comprimida.
Ainda assim, ninguém sai derrotado.
Porque o Carnaval não resolve o Brasil, ele o mantém respirando. Ele é pausa vital. É fôlego social. É o espaço onde o povo reorganiza o próprio espírito para continuar existindo num sistema que frequentemente o esquece.

Enquanto o país não muda, o povo dança para não quebrar. Enquanto a estrutura falha, a bateria sustenta o coração coletivo. Enquanto o futuro é adiado, o samba mantém o presente vivo.
À noite, Dona Elza pendura a fantasia atrás da porta. Passa a mão pelo brilho como quem se despede de alguém. Amanhã volta a ser invisível. Mas hoje... hoje ela ainda lembra quem é.

Sambinha de despedida

Quem não tem ouro faz do canto
Um jeito de não se perder,
Quem não tem palco faz da rua
O seu lugar de florescer.

Bate o surdo, chama a vida,
Chama o riso pra ficar,
Enquanto o mundo pesa tanto,
Tem um povo a samba

O autor no momento
do recebimento do
Prêmio Pluma de Ouro
Foto: Arquivo pessoal

Durante o período da exposição “São Paulo em Movimento”, em comemoração aos 472 anos da cidade de São Paulo, que aconteceu durante o mês de janeiro/26, com curadoria do Jornalista Mauricio Coutinho, na Brigadeiria do Gil, na região central da cidade, aconteceu também a Feira Literária Sílabas Periféricas – FLISPE no dia 10 e no dia 24.

No dia 10, o Movimento Poético Nacional, dando início às comemorações de seus 50 anos de Fundação, marcou presença na exposição e no evento literário com as obras de seus autores e autoras independentes.

Shirley Ferro Diretora de Relações Públicas do Movimento Poético Nacional e o Jornalista Mauricio Coutinho - Curador da exposição “São Paulo em Movimento”
Foto: Shirley Ferro

Segundo dia da feira - 24/01 - Foto: Mauricio Coutinho

No dia 24/01 aconteceu o segundo dia do evento literário só com autores/as convidados pelo idealizador do projeto, o Ponto de Cultura e Selo Independente Itaquerendo Folia.

SOBRE A FLISPE

A Feira Literária Sílabas Periféricas – FLISPE, é uma ação de fomento e incentivo à leitura, ao livro e a literatura, idealizada pelo Ponto de Cultura e Selo Independente Itaquerendo Folia, voltada, prioritariamente, aos escritores/as independentes das periferias do estado de São Paulo com o objetivo de criar oportunidades (economia criativa do livro) e aproximar o leitor dessa produção, possibilitando despertar o possível interesse deles por novas "sílabas".

Autores e autoras do segundo dia da FLISPE. Foto: Mauricio Coutinho

Maria de Lourdes Alba. Jornalista. Autora. Membro: da Academia Internacional de Literatura Brasileira – AILB/NY, da Conexão Brasil Europa com sede na Suíça e do Núcleo da Academia em Bucareste-Romênia. Tem dezenas de livros publicados entre poesias, poemetos, frases e novelas. Poemas traduzidos para o inglês, espanhol, italiano, grego e romeno.

CHUTE A GOL

Com a bola do meu destino, dei um chute na Vida.
Ela subiu e rodopiou.
Bateu de volta, chutei novamente,
ansiava o gol tão perto e tão distante.
A bola entrou.
Tirei e fui mais distante no gramado
e chutei com vontade a bola do meu destino novamente ao Gol.
O chute reverberou e a bola em volta, atingiu minha cabeça.
Balancei completamente, a dor foi intensa.
Tombei.
O destino foi mais forte, perdi o que conquistei.
Nunca mais tentei.

A eterna Dona Leocádia da série DPA abre caminho com sua série CRIANÇANDO, um apurado de contos feitos para todas as idades. Além de atriz a artista também é autora de literatura infantil com diversas obras publicada, sendo as duas últimos pelo Selo Independente Itaquerendo Folia: A Cobra de Duas Cabeças, A História da Coruja Cor, O Sapo Constantino e A Incrível Aventura dos Coelhos da Cidade Brilhante, O Bicho do Sapato Feio, Alfredo, o Vagalume.

Ilustração gerada por IA

O Incrível Esquilinho Ivo

Sou a Bruxa Léo, e esse é o meu mais novo amigo de infância, o Incrível Esquilinho Ivo.

Esse esquilinho é uma graça, marrom misturado com bege, o que lhe dá um ar de charme e elegância.Tudo que ele fazia era admirável, interessante e bonito. Adorava escrever contos infantis para outros esquilinhos, principalmente para aqueles que estavam doentinhos.

Primeiro perguntava seu nome, e a partir daí, escrevia um conto inventado na hora. Nem preciso dizer da felicidade de quem recebia esse carinho. Tive até notícia de um bichinho doente, que logo se curou. A mãe garantiu que foi por causa da história.

Ele também gostava de passear, aproveitando para juntar nozes e frutas que levava para os que não tinham conseguido comida. E assim seguia, se preocupava muito com os outros.

Um dia, enquanto passeava pela "A Árvore dos Anjos," encontrou um esquilo pequeno, magro e muito esquisito. Esse bichinho parecia paralisado, sem se mexer, mas Ivo percebeu que alguns sons saiam da sua boca.

- O que era aquilo?
- Seria uma canção?
- Uma oração?

Notou que ele mudou de posição, e foi aí que, o estranho pequeno grande ser, começou a conversar com ele.

Sua voz era melódica, baixa, suave, e do nada pegou na sua patinha direita, e com os olhos fixos nos seus, disse que nosso amigo deveria procurar sua família (que coincidência pensou nosso amigo, eu estava mesmo pensando em viajar). Depois de ouvir o estranho conselho do pequeno grande ser e constatar que ele estava bem e não precisava de ajuda, despediu-se e foi para casa.

No dia seguinte, nosso esquilinho se preparou e viajou, saiu do interior de Pernambuco para a selva chamada São Paulo. Lá encontrou seus familiares e fez novos amigos e amigas, Celia e Celma que eram gêmeas, Paulo, Edson, Maurício, Mara, Cecília, e muitos outros esquilos com sotaques diferentes. Depois de dois dias, de muita festança e comilança, seu tio Eli quis conversar a sós com ele.

Foram para beira-mar, sentaram-se num velho barco encalhado, e seu tio Eli lhe entregou um estojo preto, muito bonito, que só tinha um documento dentro. Seu tio informou que só poderia entregar o tal estojo no dia que ele viesse visitar a família.

Ele abriu o estojo e seus olhos encheram-se de lágrimas ao ler o documento que informava que ele ganhara uma quantia bem generosa de dinheiro como herança. O documento dizia, que o montante deveria ser usado com sabedoria.

Depois de alguns dias ele resolveu voltar para casa. Quando voltou sabia aonde deveria ir. Foi visitar a "Árvore dos Anjos" e falar com o pequeno grande ser, que infelizmente não estava lá. Mas, o seu projeto era construir um espaço lindo naquela floresta, para abrigar os diferentes bichinhos carentes e os arteiros velhinhos que não tinham onde morar. E assim for feito.

Sou a Bruxa Léo e tenho a maior admiração pelo Incrível Esquilinho Ivo, que para mim se tornou Grande-Imenso Ser!

causos COM CÊS

CELIA & CELMA gêmeas idênticas com mais tempo de atuação artística no cenário brasileiro. Cantoras, escritoras, pesquisadoras da culinária mineira,

Canjiquinha com costelinha

Um prato típico de Minas Gerais, com origens que remontam ao período colonial e ao ciclo do ouro (por volta de 1749) com influência da cultura tropeira, que valorizava ingredientes nutritivos e duráveis, como o milho quebrado (quirera) e a carne de porco.

INGREDIENTES

Caldo de Carne - 15g - 3 colheres de chá
Azeite de Oliva - 30ml - 2 colheres sopa
Costelinha suína (em pedaços) - 600g - 20 pedaços
Bacon (picado) - 50g - Meia xícara de chá
Cebola (picada) - 100g - 1 unidade pequena
Alho (picado) - 12g - 4 dentes
Tomate (picado, sem pele e sem sementes) - 300g - 2 unidades médias
Água quente - 1.5l
Canjiquinha de Milho - 300g - 2 xícaras de chá
Cheiro-verde (picado) - 20g - meia xícara (chá

Modo de preparo

1. Em um bowl grande, coloque a costelinha e metade do caldo de carne e misture. Cubra com filme-plástico e deixe tomar gosto por 2 horas na geladeira.
2. Em uma panela de pressão, coloque 2 colheres (sopa) do azeite e leve ao fogo alto para aquecer. Junte a costelinha e frite em 5 minutos, ou até dourar todos os lados. Reserve.
3. Na mesma panela, acrescente o bacon e frite por 2 minutos, ou até dourar. Adicione a cebola, o alho e o tomate, e refogue por 3 minutos, ou até amolecerem. Retorne a costelinha para a panela, junte meia xícara (chá) de água, tampe e cozinhe por 10 minutos após pegar pressão.
4. Aguarde a pressão ceder, abra a panela e acrescente a canjiquinha, a outra metade do caldo de carne e a água restantes, e misture. Tampe e cozinhe por mais 10 minuto após pegar pressão, ou até a canjiquinha ficar macia.
5. Adicione a salsa e a cebolinha-verde, e misture. Retire do fogo e sirva em seguida.

Uma outra versão desta receita você encontra com exclusividade no nosso Facebook

https://www.facebook.com/CeliaeCelmaReal/videos/3398045690270072/

Chegou o Carnaval

Conheça o projeto “Batucadinha da Vila Mirante”, que forma jovens através da cultura popular

Mauricio Coutinho

Jornalista, Produtor Cultural, Curador, Editor Chefe da Revista Paulista

Quando se fala em carnaval, o imaginário popular costuma se limitar aos desfiles, fantasias e grandes baterias. Mas, longe da passarela e dos holofotes, o carnaval também cumpre um papel profundo de educação, inclusão social e formação cidadã. Um exemplo concreto dessa dimensão transformadora é o projeto Batucadinha da Vila Mirante, na zona noroeste de São Paulo.

O projeto Batucadinha da Vila Mirante é um exemplo consistente de como a cultura pode atuar como ferramenta de educação, inclusão social e formação cidadã. Voltada à formação de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, a iniciativa nasce da vivência comunitária e da tradição do samba paulistano.

A Batucadinha integra o Projeto Batucada Vila Mirante, responsável pela criação de uma bateria mirim com identidade própria. O trabalho foi estruturado e coordenado por seu idealizador, que atuou diretamente na formação dos jovens

Mesmo sem apoio governamental, o projeto se mantém ativo graças ao engajamento da comunidade e a parcerias solidárias. As atividades são realizadas no Instituto Centro de Referência Concha Acústica, localizado na Vila Mirante. O instituto funciona como espaço socioeducativo para crianças e adolescentes do bairro. A presidência da entidade é exercida por Geraldo Figueiredo, apoiador de ações culturais de base social.

O projeto tem como eixo central o samba, a batucada e os ritmos tradicionais do carnaval paulistano. A música é utilizada como linguagem pedagógica acessível e transformadora. Os participantes recebem educação musical gratuita, com foco em percussão e ritmo. O aprendizado técnico caminha junto com a formação humana. Valores como disciplina, respeito e cooperação são trabalhados no cotidiano das oficinas.

O convívio coletivo estimula o senso de responsabilidade e pertencimento. A Batucadinha atua diretamente na prevenção de situações de risco social. A rotina cultural oferece alternativas positivas para o tempo livre dos jovens. O projeto também fortalece os laços familiares e comunitários da Vila Mirante.
Pais e moradores acompanham apresentações e atividades. As performances públicas ocupam positivamente ruas, praças e eventos culturais.

A presença da Batucadinha contribui para a valorização do espaço urbano. A iniciativa preserva a memória das baterias e escolas de samba de bairro. Ao mesmo tempo, renova essa tradição ao formar novas gerações. Muitos participantes têm na Batucadinha o primeiro contato com a música. Para alguns, a experiência se transforma em possibilidade de futuro profissional. O projeto atua como porta de entrada para o universo do carnaval paulistano. Também desperta interesse por carreiras artísticas e culturais.

A Vila Mirante, próxima a Pirituba, é um bairro residencial da zona noroeste de São Paulo. A região possui infraestrutura básica e forte identidade comunitária. O fácil acesso ao espaço do projeto favorece a participação dos moradores.

A Batucadinha se tornou referência cultural no território. Sua atuação dialoga com princípios da educação integral. Mostra que o aprendizado acontece também fora da escola formal. A cultura popular surge como campo de conhecimento e formação. O projeto reforça a importância de iniciativas independentes nas periferias. Evidencia a força do trabalho coletivo. Mesmo com recursos limitados, gera impacto social concreto. A música funciona como instrumento de transformação.

O samba ensina história, ritmo e convivência. A batucada organiza, educa e une. O projeto promove autoestima e dignidade. Amplia horizontes e oportunidades. Contribui para a redução de desigualdades. Fortalece identidades locais.

O projeto mostra que o carnaval vai muito além do entretenimento. Ele pode ser educação, oportunidade e futuro. A Batucadinha da Vila Mirante prova que, quando a cultura chega à base, ela transforma realidades — no ritmo do samba, mas com impacto que ecoa o ano inteiro.

SÃO PAULO

QUEM É VOCÊ?

na fila da folia

O Carnaval de São Paulo em 2026 espera um público recorde de, aproximadamente, 16 milhões de foliões, consolidando-se como um dos maiores do Brasil. Com desfiles e cortejos por todo canto da cidade a partir do dia 7 de fevereiro de 2026, de acordo com o cronograma oficial. Além das tradicionais escolas de samba a cidade de São Paulo terá uns 630 blocos de rua durante o período de folia.

PRÉ-CARNAVAL

7 e 8 de fevereiro

Pela **LIGA-SP** teremos o Grupo de Acesso, **dia 07/sábado**, no Sambódromo do Anhembi com 10 escolas. Início dos desfiles às 20h.
https://ligasp.com.br/desfiles/

Pela **UESP**, o carnaval do Povo começa no **dia 07/sábado**, com o grupo de **Acesso e Especial de Blocos na Vila Esperança** – Rua Alvinópolis (Metrô Vila Matilde). No total serão 9 entidades/blocos que se apresentarão a partir das **17h20**. No dia **08/domingo** a folia continua com mais 9 entidades/blocos na avenida a partir das **16h20**
https://uesp.com.br/carnaval-2026/ordem-desfiles-2/

www.carnavalsp.com/

Já o **CARNAVAL DE RUA**, com **mais de 600 blocos**, começa a agitar a cidade a partir do dia 3 de fevereiro, de acordo com o site Blocos de Rua, mas o calendário oficial do Pré- Carnaval começa no dia 7.

Para ficar por dentro da folia visite>
www.carnavalsp.com/

CARNAVAL

13, 14, 15, 16 e 17 de fevereiro

UESP, o carnaval do povo segue por diversos bairros da cidade, sendo:

Acesso de Bairros 2
Sábado – 14 de fevereiro - **Vila Esperança** – Rua Alvinópolis (Metrô Vila Matilde). A partir das 20h00, com 11 agremiações.

Acesso de Bairros 3
Sábado – 14 de fevereiro - **Butantã** – Av. Eliseu de Almeida (Metrô Vila Sônia). a partir das 19h00, com 14 agremiações.

Especial de Bairros
Domingo – 15 de fevereiro - **Butantã** – Av. Eliseu de Almeida (Metrô Vila Sônia - A partir das **20h00**, com 7 agremiações.
Segunda-feira – 16 de fevereiro - **Butantã** – Av. Eliseu de Almeida (Metrô Vila Sônia) - A partir das **21h40**, com 6 agremiações.

Acesso de Bairros 1
Domingo – 15 de fevereiro - **Vila Esperança –** Rua Alvinópolis (Metrô Vila Matilde) - A partir das 21h40, com 6 agremiações.
Segunda-feira – 16 de fevereiro - **Vila Esperança** – Rua Alvinópolis (Metrô Vila Matilde) - A partir das 21h40, com 6 agremiações.

Para ficar por dentro e saber quais agremiações irão desfilar nesses dias, acesse?
https://uesp.com.br/carnaval-2026/ordem-desfiles-2/

CARNAVAL

13, 14, 15, 16 e 17 de fevereiro

LIGASP

O carnaval, no Sambódromo do Anhembi, começa no **dia 13 de fevereiro -** Sexta-feira, **a partir das 23h00** com 7 agremiações no primeiro dia de desfile do **GRUPO ESPECIAL.** No dia **14 de fevereiro -** Sábado, **a partir das 22h30**, acontece o segundo dia de desfiles do mesmo grupo, também com 7 agremiações. Já no dia **15 de fevereiro** a partir das **21h00,** o **GRUPO DE ACESSO** se apresenta com o total de 8 agremiações.

Para ficar por dentro da programação e saber quais agremiações irão desfilar, acesse:
https://ligasp.com.br/desfiles/

Foto: By_Carlos_Barretta

PÓS-CARNAVAL

21 e 22 de fevereiro

A folia pelas ruas da cidade continua!
www.carnavalsp.com/

São Paulo, que já foi considerada o ”túmulo do samba", na década de 1960, refletia na época uma percepção de que a cidade, focada no trabalho, sufocava a cultura do samba, mas historicamente foi contestada por sambistas e tornou-se um estereótipo superado, com **São Paulo consolidando um dos maiores carnavais do país.**

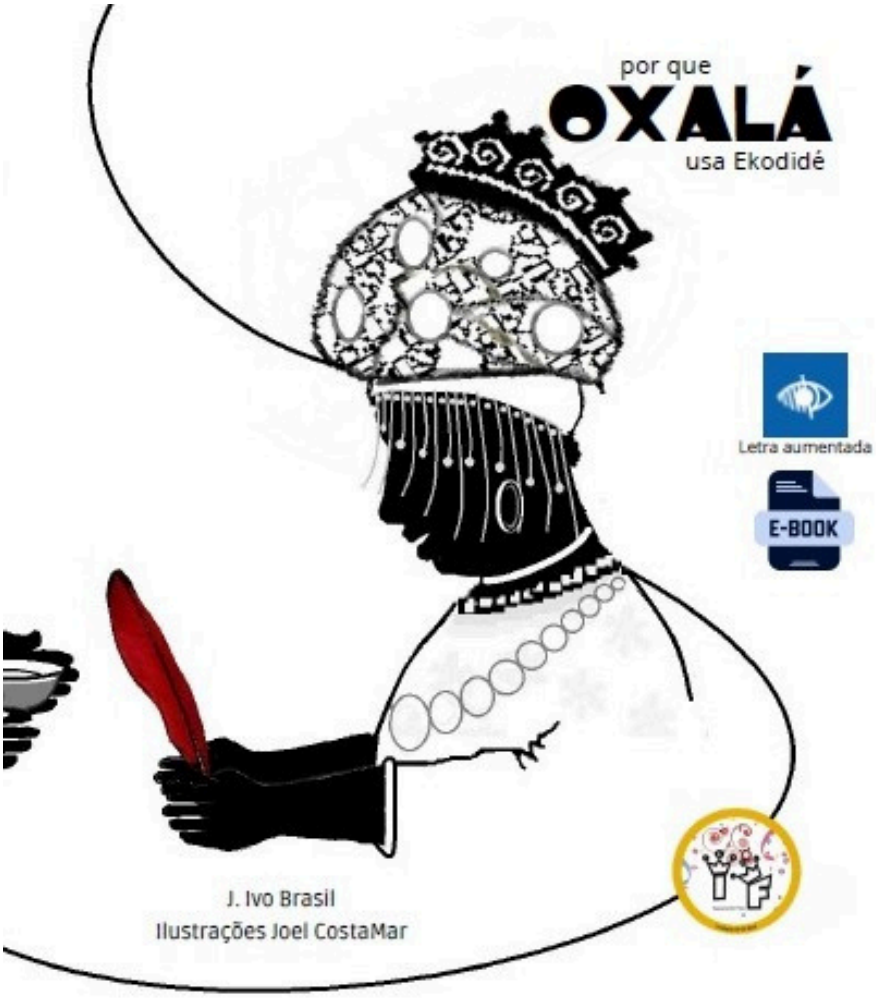
Foto: Rita Barros

Eu sou folião
Eu sou artista
Com o coração na mão
Extravasando minha alegria na pista

Eu sou escola
Eu sou bloco
Eu sou fanfarra
Eu sou cordão
Eu sou banda

Eu sou folião
Eu sou artista
Com o coração na mão
Extravasando minha alegria na pista

j. Ivo Brasil



ISBN: 978-65-984149-5-5
LEITURA ACESSÍVEL: Letra aumentada (facilita a leitura por pessoas com baixa visão)
TAMANHO: 20 X 20 – tamanho fechado
QTD DE PÁGINAS: 28 páginas
CAPA: Couchê brilho 250 g/m²
MIOLO: Couchê Fosco 115 g/m²
ACABAMENTO: Dobra
FINALIZAÇÃO: Grampo
ILUSTRAÇÕES: 90% em preto e branco
RESUMO: Itãs são os relatos míticos (lendas) da cultura iorubá e esta adaptação do Itã de Oxalá feita pelo autor J. Ivo Brasil foi descrita pelo Mestre Didi, em1966, como algo que "...refere-se ao reconhecimento do poder e princípio criador masculino representado por Oxalá...ao princípio e poder criador feminino aqui representado por Oxum.
ILUSTRAÇÕES: Joel CostaMar
FRETE: Grátis
PEDIDOS: via WhatsApp – 11 99856-1738
PREÇO: sob consulta

PONTO DE CULTURA

Itaquerendo Folia

Fundação 10-03-2016

SELO INDEPENDENTE

www.itaquerendofolia.org